



XVI SEUR

Reflexões sobre o papel dos livros didáticos de Geografia e a invisibilidade do homem e da mulher do campo

Jerusa Cassal de Almeida, Universidade Federal de Pelotas, jerusacassal@hotmail.com

RESUMO

Os livros didáticos ocupam um papel de destaque nas escolas brasileiras e muitas vezes norteiam as aulas. Em algumas realidades são os únicos recursos existentes e o mercado editorial influencia a escolha dos materiais utilizados nas escolas. Sendo assim, mesmo havendo políticas educacionais para promover a diversidade, alguns assuntos não são abordados. O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o papel do homem e da mulher do campo nos livros didáticos de Geografia nos anos de 2017 e 2020, a fim de averiguar o discurso proveniente dessa abordagem. A metodologia utilizada foi uma revisão de literatura realizada por meio da plataforma *Scielo*, os artigos apontam a inexistência do protagonismo do homem e da mulher do campo em algumas coleções tanto no Brasil, como em outros países. Para concluir, os dados apurados demonstram a importância de se pensar as aulas de Geografia para além do discurso urbano.

Palavras-chave: Ensino; Recursos didáticos; Espaço rural.

1.Introdução

Os livros didáticos conquistaram espaço primordial nas escolas brasileiras e durante décadas movimentam um vasto mercado editorial. Nas palavras de Melatti (2018, p.209) “em 1990 ocorreu a distribuição massiva de livros didáticos atendendo a demanda do governo federal em atingir metas como o oferecimento de uma educação de qualidade”. Diante disso, o Brasil passou a ser um dos maiores compradores de livros didáticos do mundo. Somente em 2019, os livros didáticos foram distribuídos para cerca de 35 milhões alunos através de quase 126 milhões de exemplares que custaram pouco mais de 1 bilhão de reais aos cofres públicos (VITIELLO, 2020). Assim sendo, essa pesquisa visa analisar a representação do homem e da mulher do campo nos materiais didáticos de Geografia disponibilizados na educação básica. E quais as orientações das diretrizes curriculares ao professor(a) para a abordagem da temática.



Já os objetivos específicos são: analisar as diretrizes curriculares e BNCC; verificar de que forma o homem e a mulher do campo são retratados nas políticas curriculares e na BNCC; e evidenciar através dos livros didáticos como esse tema vem sendo trabalhado.

Nesse cenário, a relevância dos livros didáticos no ensino de Geografia remonta aos manuais didáticos elaborados por Delgado de Carvalho e Aroldo de Azevedo no início do século XX até sua segunda metade, pois os elementos físicos e sociais passaram a constar nos manuais didáticos de geografia (AZAMBUJA, 2014). Desde esse momento, vemos os livros didáticos se modificando e servindo de currículo para os professores. Tonini e Goulart (2017, 259) corroboram com essa afirmação ao citar que os livros didáticos servem de “referência para a maioria das ações pedagógicas, conforme se pode depreender das falas dos próprios professores ou mesmo da análise dos planos de estudo que circulam na maioria das escolas”. Além do caráter normativo, os livros didáticos têm maior adesão nas escolas, porque em muitas realidades onde o (a) professor (a) atua são os únicos recursos didáticos existentes. Desse modo, Carina Copatti (2017) explica que nas escolas localizadas nos centros urbanos, a acessibilidade aos recursos educativos é ampla, assim a relação com o livro didático é diferente das escolas localizadas no campo.

Seguindo esta perspectiva, Munakata (2007, p.138) afirma que “os livros didáticos são poderosos ‘instrumentos culturais de primeira ordem’, [...] ao lado dos meios de comunicação de massa constroem um consenso cultural [...] assegurando a ‘integração da comunidade’”. Em vista disso, a sociedade está entrelaçada a diversos discursos que tentam nos impor uma “verdade” em diferentes períodos históricos e se relacionam ao poder. Tonini (2002, p.24) compara os discursos nos livros didáticos “a uma arena cultural, um palco da operacionalidade do poder que inventa identidades, as circunscreve a lugares distintos, que justificam a desigualdade”. Um exemplo citado pela autora, são as mulheres africanas representadas nos livros didáticos de Geografia como habitantes de um território subdesenvolvido, ressalta-se nos textos a baixa qualidade e expectativa de vida desta forma sua identidade de gênero é criada.

A institucionalização do Programa Nacional do Livro didático (PNLD) permitiu melhorias na qualidade dos materiais didáticos distribuídos nas escolas. No entanto, Patrícia Simões (2017) aponta as fragilidades envolvendo o PNLD, uma delas é o distanciamento entre as diretrizes do programa e a realidade escolar. Assim sendo, os conteúdos da Base



Nacional Comum Curricular (BNCC), foram adotados pelo PNDL para guiar os livros didáticos, todavia, a BNCC apresenta falhas ao não abordar temas importantes para a formação dos alunos. Segundo Azevedo e Giordani (2019) a BNCC não debate acerca dos marcadores sociais gêneros e raça. Além disso, neste documento os termos diversidade e diferença são utilizados como sinônimos. Portanto, questionar a formação dos professores e os recursos didáticos utilizados nas aulas de Geografia se faz necessário.

2. Metodologia

Nesta pesquisa foi realizada uma revisão de literatura, pois é um passo fundamental para verificar o campo estudado a partir do enfoque de outros autores fornece o mapeamento do assunto tratado através do que já foi produzido. Diante disso, Creswell (2007, p.95) observa que “o objetivo da revisão de estudos que já abordaram o problema é justificar a importância do estudo e criar distinções entre os estudos passados e o estudo proposto”. Cabe salientar que os textos aqui citados foram selecionados por meio da plataforma *Scielo*, os artigos escolhidos apresentam a contribuição da literatura nacional e internacional favorecendo uma visão geral da temática apresentada anteriormente. Foram selecionados 11 artigos entre os anos de 2017 até 2020 para apurar o que foi produzido até o momento acerca da temática, elegendo ainda como filtros de busca as áreas de ciências humanas e educação. Logo em seguida, se deu a reflexão da leitura dos artigos a seguir relatada.

3. Desenvolvimento

Prado e Carneiro (2017) apontam que a inserção dos livros didáticos na cultura escolar serviu de subsídio para os processos de ensino e aprendizagem nas escolas, contudo, os autores chamam a atenção para que este recurso não seja utilizado como única fonte de saber. Dessa forma, os livros didáticos se tornaram uma realidade escolar, e ainda hoje perante as novas tecnologias concentram um papel essencial nas escolas. Porém, mesmo com as políticas educacionais voltadas para o tema, existem incongruências nos conteúdos e os professores muitas vezes não foram preparados para lidar com essa ferramenta.

No Brasil existe uma prática recorrente nas escolas, na qual os alunos plagiam os livros didáticos e utilizam textos copiados da *internet* também para realizar tarefas nas



escolas, no entanto os livros de Geografia não abordam essa questão e o PNLD não orienta os professores lidar com essa irregularidade em sala de aula. (CASTRO; LOPES, 2019).

Na Itália, Anichini e Parigi (2019) refletem acerca do papel desempenhado pelos livros didáticos, porque ainda são considerados ferramentas importantes para o ensino e aprendizagem, mas existe um movimento denominado *Avanguardie Educative* tentando produzir materiais didáticos por meio da participação dos alunos através de novas tecnologias e distintas plataformas. Segundo as autoras, a autoprodução de livros didáticos imprime as visões dos alunos sobre diversos assuntos, um exemplo são os temas relacionados ao campo e a cidade.

O Chile, assim como o Brasil, fomenta um lucrativo mercado editorial, ou seja, o governo chileno movimenta recursos públicos todos os anos para a produção de livro didático. Esta ferramenta é entendida como essencial no processo de ensino-aprendizagem, além disso, editoras estrangeiras fazem parte da elaboração dos livros didáticos no país.

Su edición pone en juego cada año, al menos en Chile, grandes sumas de dinero por parte del Estado, pero también afecta el bolsillo de los particulares, tanto de instituciones educativas como de apoderados, por lo cual constituye una industria muy apetecida por las grandes editoriales locales y extranjeras. (SOAJE DE ELÍAS, 2018 p.76).

Outro ponto destacado por Soaje de Elías (2018), é a destruição de reservas indígenas por empresários madeireiros é apresentada como “reivindicações” e não crime, assim como erros de espanhol e *sites* não confiáveis são utilizados como fonte nos livros didáticos em algumas coleções.

Já o mercado editorial espanhol é nebuloso e não publica dados da circulação dos livros didáticos, entretanto Miranda e García (2019) elaboraram um mapa editorial de livros didáticos na Espanha e revelam a adoção das escolas dos projetos das maiores editoras do país, porém ao longo das décadas este cenário vem mudando com a inserção de novas tecnologias na aprendizagem do alunado. Em Portugal, diferentemente do Brasil, existe um currículo unificado, Martins e Garcia (2019) elucidam que no Brasil os livros têm a sua produção pautada, hegemonicamente, nos pressupostos das orientações nacionais em detrimento das estaduais.

Por fim, Mônica Vahl e Eliane Peres (2017) discutem o papel de destaque da produção de livros didáticos, já que os investimentos altos permitiram o desenvolvimento do



setor editorial no país a partir da criação de novas editoras. Isto posto, em sua pesquisa sobre os livros didáticos pertencentes ao PNLD de educação no campo, Oliveira (2017) enfatiza a invisibilidade do saber campesino, pois a subalternização dos saberes do campo é ativamente produzida pela monocultura do saber euro-ocidental, sendo também uma forma de injustiça epistêmica. Para a autora, a falta de disciplinas obrigatórias dedicadas aos livros didáticos em algumas universidades é uma realidade que prejudica a formação dos futuros docentes.

4. Conclusão

A revisão da literatura apresentada trouxe informações pertinentes sobre os livros didáticos no Brasil e em outros países. Além disso, os discursos estão presentes na sociedade, e nos livros didáticos não é diferente, haja vista que os autores e autoras citados relacionam bem esse contexto. O Brasil e o Chile apresentam similaridades na produção dos livros didáticos destacada e na invisibilidade de homens e mulheres do campo. A formação docente também aparece como um fator determinante para o uso desta ferramenta, já que nem todos os cursos universitários ofertam disciplinas sobre livros didáticos. De maneira geral, esta revisão foi pertinente ao demonstrar que não apenas o Brasil deixa de focar certos temas, e os discursos nos livros didáticos representam em certos casos o pensamento masculino e o discurso urbano desconsiderando o protagonismo de outros atores do campo. É preciso repensar as estratégias utilizadas pelos(as) professores(as) no ensino de Geografia, visto que inserir o protagonismo de homens e mulheres do campo nas aulas é necessário para a formação dos alunos.

Referências

- ANICHINI, Alessandra; PARIGI, Laura. Reescrever o conhecimento, redesenhar o livro didático: a autoprodução de conteúdo em sala de aula. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 77, p. 117-134, set./out. 2019 .
- AZAMBUJA, Leonardo.D. O livro didático e o ensino de geografia do brasil. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 8, p. 11-33, jul./dez.,2014
- AZEVEDO, Luyanne, C.L; GIORDANI, Ana Cláudia, C. A invisibilização dos marcadores sociais gênero e raça na geografia da base nacional comum curricular. **Geographia Meridionalis**, v.05, n.01, p. 3-31, jan-jun. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/view/15747/10594>> acesso em: agosto de 2020.



BANDEIRA, Andreia; VELOZO, Emerson. L. Livro didático como artefato cultural: possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no Ensino de Ciências. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 25, n. 4, p. 1019–1033, 2019.

CASTRO, Sirlene. R. F.; LOPES, C. Plagiarism in textbooks and in the authors' vision. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 171, p. 224–243, 2019.

CAVALCANTI, Erinaldo, v. A história encastelada e o ensino encurralado: reflexões sobre a formação docente dos professores de história. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 249-267, nov./dez. 2018

COPATTI, Carina. Livro didático de geografia: da produção ao uso em sala de aula. **Élisée, Rev. Geo. UEG – Porangatu**, v.6, n.2, p.74-93, jul./dez. 2017

CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARTINS, Alisson. A.; GARCIA, Nilson. M. D. Artefato da cultura escolar e mercadoria: a escolha do livro didático de Física em análise. **Educar em Revista**, v. 35, n. 74, p. 173–192, 2019.

MELATTI, Cláudia. O olhar de um professor da educação básica no processo avaliativo dos livros didáticos. In: TONINI, Ivaine Maria et al. (orgs) **Geografia e livro didático: para tecer leituras de mundo**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

MIRANDA, Miguel. B.; GARCÍA, Erika. G. Fuentes Para La Elaboración De Un Mapa Editorial De Libros De Texto En España. **História da Educação**, v. 23, p. 1–32, 2019.

MUNAKATA, kazumi. O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: MONTEIRO, A.M.F.C; GASPARELLO, A.M. MAGALHÃES, M.S. **Ensino de História: sujeito, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2007.

OLIVEIRA, Rosana. M. Descolonizar os livros didáticos: Raça, gênero e colonialidade nos livros de educação do campo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 68, p. 11–33, 2017.

PRADO, Clodoaldo. J. B. DO; CARNEIRO, Sonia Maria, M. Livro Didático de Geografia: estudo da linguagem cartográfica. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 3, p. 981–1000, 2017.

SPOSITO, Maria Encarnação B. A avaliação de livros didáticos no Brasil -Por quê? In: SPOSITO, Maria Encarnação B. (org) **Livros didáticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 15-24.

SIMÕES, Patrícia, M. C. **Avaliação do programa nacional do livro didático por gestores de escolas do recife**. p.13, 2017. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/SIM%C3%95ES-Patr%C3%ADcia-Maria-Uchoa.-Avalia%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: agosto de 2020.

SOAJE DE ELÍAS, Raquel. Textos escolares: consideraciones didácticas. **Educación y Educadores**, v. 21, n. 1, p. 73–92, 2018.

TONINI, Ivaine Maria. **Identidades Capturadas: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros de geografia**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de PósGraduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre - RS



TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Ligia Beatriz. Desafios para potencializar o livro didático de Geografia. In: TONINI, Ivaine Maria et al (orgs). **O livro didático de geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

VAHL, Mônica. M.; PERES, Eliane. O programa do livro didático para o ensino fundamental (1971-1976). **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 164, p. 562–585, 2017.

VITIELLO, Márcio A. Quem escreve o livro didático de Geografia? **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 461-474, jan./jun., 2020